

Was ist Menschliches Leben?

Anthropologie und biomedizinischer Fortschritt

Jürgen Moltmann

Wie wir alle wissen, ist der biomedizinische Fortschritt bei dem Geheimnis des menschlichen Lebens selbst angekommen. Wir haben das menschliche Genom entziffert und sind damit Herr über das menschliche Leben und seine Zukunft. Wie werden biogenetische Eingriffe das menschliche Erbgut verändern? Welche Zukunft wollen wir oder wollen wir nicht für die zukünftigen Generationen des Menschengeschlechts?

Ich will in diesem Vortrag zuerst die anthropologischen Voraussetzungen für den biomedizinischen Fortschritt in der abendländischen Geschichte darstellen. Ich werde jeweils anthropologische Gegenbilder aus der abendländischen Geschichte vorstellen, um Alternativen aufzuzeigen. In den letzten beiden Teilen frage ich: Was ist Gesundheit? Und versuche eine Definition: Was ist menschliches Leben? Denn was wir heute Wissenschaft nennen, ist unbestritten ein europäisches Projekt. Die globale wissenschaftlich-technische Zivilisation ist jedoch ein universales Resultat der speziellen westlichen Geistesgeschichte im Guten wie im Bösen, im Erfolg wie in den Gefahren.

1. Anthropologische Voraussetzungen des biowissenschaftlichen Fortschritts: Die Objektivierung des Körpers

Die Geschichte der abendländischen Anthropologie zeigt von ihren frühen Anfängen an die Tendenz zur Herrschaft der Seele über den Körper und folglich die Tendenz zur Unterwerfung und Instrumentalisierung des menschlichen Körpers. Diese Tendenz ist ein wesentlicher Faktor der europäischen Freiheitsgeschichte. Die Freiheit der Selbstbeherrschung wird um so größer, je mehr der Abstand zum Körper wächst, und je mehr Abstand der menschliche Geist vom Körper gewinnt, desto besser kann er ihn wissenschaftlich erforschen und technisch manipulieren. Seit Plato beherrscht die Tendenz

O que é a Vida Humana?

Antropologia e desenvolvimento biomédico

Jürgen Moltmann

Todos sabemos que o desenvolvimento das ciências biomédicas chegou até ao segredo da vida humana. Descodificámos o genoma humano e tornámo-nos assim senhores da vida humana e do seu futuro. Como é que as intervenções biogenéticas alterarão a herança humana? Que futuro queremos ou não queremos para as próximas gerações do género humano?

Pretendo nesta comunicação em primeiro lugar expor os pressupostos antropológicos do desenvolvimento biomédico na história do ocidente. Posteriormente, pretendo apresentar as imagens antropológicas contrárias que resultam dessa mesma história do ocidente para evidenciar alternativas. Nestas duas partes pergunto então: o que é a saúde? E ensaio uma definição: o que é a vida humana? Com efeito, aquilo a que hoje chamamos a "ciência" é indiscutivelmente um projecto europeu. A civilização científico-tecnológica global é, todavia, um resultado universal da particular história ocidental do espírito para o Bem e para o Mal, para o sucesso e para o perigo.

1. Pressupostos antropológicos do desenvolvimento biocientífico: a objectivação do corpo

A história da antropologia ocidental mostra desde os seus inícios uma tendência para o domínio da alma sobre o corpo e, consequentemente, uma tendência para a subjugação e instrumentalização do corpo humano. Esta tendência é um factor essencial da história europeia da liberdade. A liberdade de autodomínio será tanto maior quanto mais cresce a distância ao corpo e quanto maior for a distância do espírito ao corpo mais o primeiro poderá manipulá-lo tecnicamente e investigá-lo de maneira científica. Desde Platão domina a tendência para a espiritualização da alma e para a

zur Vergeistigung der Seele und zur Materialisierung des Körpers die abendländischen Anthropologien. Die christlichen Menschenbilder sind selten eine Ausnahme: Die platonische Befreiung der unsterblichen Seele vom sterblichen Körper durchdrang auch die altkirchliche Anthropologie. Die aristotelische Idee der Formung des Körpers durch die Seele wurde von Thomas von Aquin im Mittelalter aufgenommen. Der neuzeitliche Wille zur Macht über die menschliche Existenz, den Descartes und Lamettrie beschrieben haben, regiert über jene moderne Anthropologie, die den modernen Biowissenschaften zugrunde liegt. Um es einfach mit einem Schlagwort zu sagen: Es begann mit der spirituellen Erlösung der Seele und es endet bei dem technomorphen Bild vom L'Homme machine.

Die allgemeine Tendenz zur Vergeistigung des menschlichen Subjekts und zur Objektivierung des menschlichen Körpers ist so tief in die westliche Zivilisation eingebaut, dass es schwer fällt, sich ihnen zu entziehen und Alternativen zu entdecken. Die Anfänge liegen in uralten Mythen von der Überwindung des Todes und dem ewigen Leben und damit der Überwindung der geschlechtlichen Vermehrung des sterblichen Körpers. Das ist heute der Traum von der "ewigen Jugend - forever young". Das unvollendete göttliche Experiment soll durch das vollendbare menschliche Experiment Mensch abgelöst werden. Durch Samenauswahl und Speicherung von Eiern soll die künstliche Selektion der Nachkommenschaft die natürliche Selektion ablösen, damit sich nicht die Dummen, sondern die klugen Menschen vermehren. So entsteht durch pränatale Diagnostik und extrauterine Befruchtung ein gesunder Fortschritt in eine genetisch verbesserte Menschheit, sagten die neodarwinistischen Genetiker vor 40 Jahren. Die kontrollierte Fortpflanzung des Menschengeschlechts auf geschlechtslosen, rein technischen Wegen ist möglich, aber durch seine Durchsetzung bedarf es wohl einer Diktatur. Durch fortschreitende Transplantationstechnik, neuerdings durch nachwachsende Gliedmaßen (nach der letzten Nummer von "New Scientist") ist die Abschaffung des Todes und sogar die Neukonstruktion der bis jetzt unvollkommenen Konstitution des menschlichen Lebens möglich. Das ist die Idee des "künstlichen Menschen". Durch Verbindungen des menschlichen Gehirns mit Computern kann eine bisher ungeahnte Intelligenz geschaffen werden. Aber ist die technische Erfüllung der alten Menschheitsträume heute wünschenswert? Wir rufen in gebotener Kürze die Stationen abendländischer Anthropologie auf diesem Wege in Erinnerung, um uns nach Alternativen umzusehen:

1. Plato und die meditatio mortis

In der griechischen Sprache heißt soma zunächst die Leiche (Homer). Seit dem 5. Jahrhundert werden auch andere leblose Dinge als "Körper" bezeichnet. Auf einer anderen sprachlichen Linie gewinnt soma die Bedeutung von selbst und vertritt das Reflexipronomen. Was erscheint, wenn der Mensch

materialização do corpo na antropologia ocidental. As imagens cristãs da pessoa humana são uma exceção: a libertação platônica da alma imortal do corpo mortal percorreu também a antropologia cristã antiga. A ideia aristotélica da formação do corpo pela alma foi retomada por S. Tomás de Aquino na Idade Média. A vontade de poder sobre o corpo nos novos tempos da Idade Moderna, descrita por Descartes e Lamettrie, impôs-se nas antropologias modernas, nas quais se fundamentam as modernas biociências. Para resumir isto numa frase simples: começou-se com a salvação espiritual da alma e acabou-se na imagem tecnomórfica do homem máquina.

A tendência geral para a espiritualização do sujeito humano e para a objectivação do corpo humano está tão profundamente enraizada na civilização ocidental que se torna extremamente difícil abandoná-la e descobrir alternativas. Os inícios remontam aos mitos antigos primordiais da superação da morte e da vida eterna e com isso à superação do aumento sexual do corpo mortal. Esse é hoje o sonho da "eterna juventude - forever young". A experiência divina inacabada deve ser completamente resolvida pela experiência humana da pessoa. Através da escolha e da especialização dos ovócitos acontece que a selecção artificial da descendência humana dissolve a selecção natural, de tal forma que os néscios não são melhorados, apenas as pessoas inteligentes. Assim se origina, através do diagnóstico pré-natal e da investigação extra-uterina, um desenvolvimento mais sadio de uma humanidade geneticamente melhorada. Assim diziam os neodarwinistas há quarenta anos. A reprodução controlada de seres humanos em mulheres estéreis é tecnicamente possível, mas isso origina uma verdadeira ditadura. Através do desenvolvimento de técnicas de transplante, recentemente através dos membros adultos (de acordo com os últimos números da New Scientist) torna-se possível a abolição da morte e uma nova construção da até agora incompleta constituição da vida humana. Esta é a ideia do "homem artificial". Pela ligação de computadores ao cérebro humano poderá ser criada uma inteligência até agora inesperada. Mas é hoje desejável a realização técnica do velho sonho da humanidade? Para tal chamamos à colação e à memória brevemente as estações da antropologia ocidental sobre este tema para nos oferecer alternativas.

1. Platão e a meditatio mortis

Na língua grega o *sôma* designa em primeiro lugar o cadáver (Homero). Desde o quinto século são também designados outros seres inanimados como "corpo". Numa outra linha linguística *sôma* tem o significado de "self" (próprio) e representa o pronome reflexo. Isto mostra que o que aparece quando o ser humano se encontra defronte a si mesmo e se torna

sich selbst gegenübertritt und sich selbst zum Gegenstand seines Bewusstseins macht, ist soma. An welchem Ort entsteht dieses Selbstbewusstsein? Es entsteht im Angesicht des Todes. "Recht zu philosophieren", heißt darum für Plato, "auf den Tod bedacht zu sein". In der *meditatio mortis* wird sich der Mensch seiner unsterblichen Seele bewusst, die sich im Tod vom sterblichen Körper trennt. Der Tod scheidet das Sterbliche vom Unsterblichen. Weil nicht das Sterbliche, sondern nur das Unsterbliche dem Göttlichen entspricht, liegt das wahre Leben der Menschen nicht in der körperlichen Sinnlichkeit, sondern in der Ideenschau der Seele. Weil die Seele nicht im Leib geboren wird, kann sie auch nicht mit dem Leib sterben. Die *meditatio mortis* entseelt gleichsam den Leib zu einem Erdenrest, der zu tragen peinlich ist. Der Tod ist ein Fest der Freiheit für die Seele.

2. Augustin: Gott und die Seele

Bei Augustin wird die platonische Seele als das personale menschliche Subjekt identifiziert, weil das Göttliche der transzendente personale Gott ist. Erkenne deine Seele, heißt darum: erkenne dich selbst. Gotteserkenntnis und Selbsterkenntnis bedingen sich gegenseitig. "Ich will Gott und die Seele erkennen. Sonst nichts? Nein, sonst nichts", heißt es in den Soliloquien. Der Weg zur Selbsterkenntnis führt nicht über die Sinne und die Welt der Erscheinungen, sondern in die Selbstreflexion und die Innerlichkeit. Kehre in dich selbst zurück: im inneren Menschen wohnt die Wahrheit". Warum führt nur der Weg der reflexiven Selbsterkenntnis zur Gotteserkenntnis? Weil im Innersten der Seele wie ein Spiegel die Gottebenbildlichkeit zu finden ist: Wer in diesen Spiegel in seinem Inneren blickt, erkennt simultan Gott und sich selbst. Das Innere der Seele erhebt sich so weit über den Körper, dass sie geschlechtslos ist. Gottebenbildlichkeit von Mann und Frau beginnt erst, "ubi sexus nullus est". Der menschliche Körper ist deshalb kein Ebenbild Gottes, sondern trägt nur wie alle anderen Geschöpfe der Natur gewisse "Spuren Gottes", *vestigia Dei*. Er muss der Seele dienen, denn wie Gott der Herr der Seele ist, so ist die Seele Herr des Körpers.

3. Descartes und die Körpermaschine Lamettries

Mit Descartes kommen wir zu Beginn der modernen Welt im 18. Jahrhundert in eine andere Welt, aber die Grundgedanken bleiben. Wie das Widmungsschreiben seiner "Meditationen" sagt, sind die Fragen nach Gott und der Seele die wichtigsten, die eher mit Hilfe der Philosophie als der Theologen zu lösen sind. Für Descartes ist die Seele das denkende menschliche Subjekt, dem der menschliche Körper wie alle anderen Gegenstände als ein ausgedehntes, aber nicht denkendes Ding gegenübersteht. Als nichtdenkendes, ausgedehntes Ding ist der menschliche Körper wie eine Maschine anzusehen, nämlich wie ein Uhrwerk, die damals modernste Maschine. Die Seele ist wie

presente à consciência é o *sôma*. De onde provém esta auto-consciência? Ela origina-se em face da morte. O "direito a filosofar", assim chama Platão, "perante a ponderação da morte". Na *meditatio mortis* o ser humano tornar-se-á consciente da sua alma imortal, a qual se separa do seu corpo mortal. A morte separa o mortal do imortal. Dado que não é o imortal mas o mortal que corresponde ao divino, a verdadeira vida da pessoa não reside na sensualidade mortal, mas antes na visão da ideia da alma. Visto que a alma não nasceu no corpo, então também não pode morrer no corpo. A *meditatio mortis* desalma de algum modo o corpo para um fim terrestre, o qual se torna penoso de suportar. A morte é então uma festa da libertação da alma.

2. Agostinho: Deus e a alma

Em Agostinho a alma platónica é identificada com o Sujeito humano pessoa, visto que o divino é o Deus pessoal transcendente. Conhecer a tua alma significa então: conhece-te a ti mesmo. O conhecimento de Deus e o auto conhecimento condicionam-se reciprocamente. "Eu quero conhecer Deus e a alma. Nada mais? Não, nada mais", assim se exprime nos *Silolóquios*. O caminho para o auto conhecimento não conduz ao sentido nem ao mundo das aparências, mas à auto-reflexão e à interioridade. Volta-te para ti mesmo: no interior da pessoa habita a verdade. Porque é que apenas o caminho do auto-conhecimento reflexivo é que conduz ao conhecimento do divino? Porque no mais recôndito da alma encontra-se a semelhança divina como num espelho: quem revê a sua interioridade neste espelho, conhece simultaneamente Deus e a si mesmo. A interioridade da alma eleva-se de tal forma acima do corpo que ela se torna neutra, assexuada. A imagem de Deus do homem e da mulher começa precisamente aí "ubi sexus nullus est". O corpo humano fica por isso sem a imagem de Deus, apenas traz os "vestígios de Deus, *vestigia Dei*", tal como muitas outras criaturas da natureza. O corpo tem de servir a alma, pois tal como Deus é o senhor da alma, assim também a alma é a senhora do corpo.

3. Descartes e o corpo máquina de Lamettrie

Com Descartes chegamos ao início do mundo moderno, a um outro mundo no século XVIII. Mas os pressupostos teóricos fundamentais permanecem. Tal como diz a dedicatória das suas "Meditações", as perguntas sobre Deus e sobre a alma são as mais importantes, as quais devem ser resolvidas mais com a ajuda da filosofia do que com a teologia. Para Descartes, a alma é o Sujeito pessoal pensante para quem o corpo humano se apresenta diante de nós como uma coisa extensa não pensante, como aliás todos os outros objectos. Como objecto extenso não pensante o corpo humano é para ser visto como uma máquina, sobretudo como um mecanis-

ein Schiffer in seinem Schiff mit dem Körper verbunden, d. h. nur zufällig. Das denkende Ich kann auch ohne seinen Körper existieren. Das Verhältnis des denkenden Geistsubjektes zu seinem ausgedehnten Körperobjekt kann mit Begriffen unserer Zeit so beschrieben werden: Ich bin denkendes Subjekt und ich habe einen ausgedehnten Körper. Die Reduktion des menschlichen Körpers wie aller anderen Objekte auf die Ausdehnung meint ihre mathematische Messbarkeit. Farbe, Geruch und Geschmack sind demgegenüber subjektive Eindrücke.

Der materialistische und als atheistisch geltende Militärarzt und Philosoph J. O. de Lamettrie folgte Descartes und veröffentlichte 1748 sein berühmte-berühmtes Buch "L'homme machine". Er sah das leibliche Leben der Menschen als "organisierte Materie mit Bewegungsprinzipien" an. Uhrwerke und die ersten Automaten waren die technischen Erfindungen jener Zeit und wurden deshalb als technomorphe Bilder für den menschlichen Körper verwendet. Heute sprechen manche von "selbstreferentiellen, computerisierten komplexen Systemen", wenn sie unter anderem auch das menschliche Leben meinen. Ist das ein Fortschritt?

In der westlichen Zivilisationsgeschichte hat die Vorstellung vom Zentrum des Menschen eine merkwürdige Wanderung unternommen: So lange man die Lebendigkeit des Menschen im Ein- und Ausatmen der Luft sah, lokalisierte man das Ich im Zwerchfell und identifizierte den Tod des Menschen mit dem Aushauchen seines Lebens. Später erblickte man die Lebendigkeit des Menschen mit seinen großen Affekten des Herzens und erkannte den Blutkreislauf als Pulsschlag des Lebens. Hört ein Herz auf zu schlagen, ist der ganze Mensch tot. Dann aber begann die Moderne und fand den Menschen als Subjekt von Verstand und Wille. Wieder wanderte die Vorstellung vom Ich nach oben und wurde im Gehirn angesiedelt. Der Gehirntod gilt heute als Realsymbol für den Tod der Person. Es entstand der Primat des Geistes und eine Entsinnlichung der westlichen Kultur.

Wird heute auch das denkende Subjekt durch moderne Gehirnforschung auf das Funktionieren von Nervenzellen reduziert, dann entsteht ein subjektloses Menschenbild. Manche sehen darin den "Tod des Menschen", der auf Nietzsches "Tod Gottes" kommen musste (J. B. Metz). Andere warnen vor einer Selbstabschaffung des Menschentyps, den wir bisher kannten. Der Mensch als computerisierte Intelligenz ohne Verantwortungsbewusstsein, ohne Leidempfindlichkeit, ohne Gedächtnis, ohne Moral, jedoch perfekt funktionierend in seiner Technopolis: ist das noch ein menschlicher Mensch? Doch Vertreter dieser Entwicklung warnen: Die modernen technologischen Großanlagen wie Kernkraftwerke, Kommunikationssysteme und schließlich auch Fluglinien und Autobahnen sind so komplex und gefährlich, dass sie unfehlbare Menschen verlangen. Immer wieder hören wir bei Unfällen: Die Technik ist sicher - der

mo de relojoaria, desde logo as máquinas modernas. A alma é como um marinho com o corpo preso num navio, isto é, apenas accidental. O Eu pensante pode igualmente existir sem o seu corpo. A relação do sujeito espiritual a um objecto corporal extenso pode ser descrita com os conceitos do nosso tempo: Eu sou um sujeito pensante e Eu tenho um corpo extenso. A redução do corpo humano como de todos os outros objectos a uma realidade extensa significa a sua mensurabilidade matemática. Cor, odor e olfacto são apenas impressões subjectivas.

O médico militar ateu e então filósofo materialista J. O. De Lamettrie seguia Descartes e publicou em 1748 o seu famoso e famigerado livro "L'homme machine". Ele via a vida humana da pessoa como "matéria orgânica segundo princípios de movimento". Os mecanismos e os primeiros autómatos eram as grandes descobertas daquele tempo e foram, por isso, usados como modelos tecnomórficos para os corpos humanos. Hoje muitos falam em "auto-referenciais", em "sistemas complexos computadorizados", quando, entre outras coisas, também se referem à vida humana. É isso um progresso?

Na história da civilização ocidental a proposta da centralidade da pessoa sofreu uma notável mudança: enquanto se via a vitalidade da pessoa através da inspiração ou da expiração de ar era possível localizar o Eu no diafragma e identificava-se a morte da pessoa com o expirar da sua vida. Mais tarde verifica-se a vitalidade da pessoa com as suas grandes emoções do coração e reconhece-se a circulação na rede sanguínea como a pulsação da vida. Se um coração pára de bater, então a pessoa está morta. Mas depois começou a modernidade, e a pessoa foi definida como sujeito de entendimento e de vontade. Mais uma vez alterou-se a representação do eu, agora para cima, e foi mudada para o cérebro. A morte cerebral corresponde hoje ao símbolo da realidade da morte da pessoa. Isso originou o primado do espírito e uma desfisicalização da cultura ocidental.

Quando actualmente o sujeito pensante é reduzido ao funcionamento de células nervosas através da investigação neurológica, então com isso provoca-se uma imagem pessoal desprovida de subjectividade (subjektloses Menschenbild). Alguns vêem nisso a morte da pessoa, pois aí chegaria a "morte de Deus" de Nietzsche (J. B. Metz). Outros advertem uma auto-destruição do tipo humano, tal como hoje o conhecemos ainda. A pessoa como inteligência computadorizada sem consciência de responsabilidade, sem sensibilidade para a dor, sem moral, não obstante perfeita no seu funcionamento na tecnopólis (na cidade da técnica), é isso ainda uma pessoa? Os representantes deste desenvolvimento avisam: as grandes construções tecnológicas modernas como centrais nucleares, sistemas de comunicação e finalmente companhias aéreas e auto-estradas são tão complexos e perigosos que necessitam de pessoas sem falhas. Cada vez mais ouvimos em caso de acidentes: a técnica é segura, as

Mensch ist unsicher, die Technik funktionierte -menschliches Versagen war schuld. Schaffen wir die menschliche Fehlbarkeit ab, so kommen wir in risikolose Zeiten, aber werden es menschliche Zeiten sein? Es entsteht die Frage: Müssen sich Menschen an die Maschinen anpassen oder besser die Maschinen an die Menschen?

II. Die anthropologische Alternative: Auferstehung des Fleisches

1. Gegen die neoplatonische Zeitstimmung hat die Alte Kirche in das Apostolische Glaubensbekenntnis die Hoffnung auf die „Auferstehung des Fleisches und das ewige Leben“ eingefügt und behauptet. Der Kirchenvater Tertullian (212) hat die Würde des Fleisches in seiner Schrift „Oe resurrectione mortuorum“ nachdrücklich vertreten: „Der Körper wird auferstehen, der ganze Körper, der identische Körper, alles vom Körper“, denn das Fleisch ist der Schlüssel des Heils: „caro cardo salutis“. Ewiges Leben wird leibhaftig erfahren, denn Ewigkeit ist nicht die platonische Zeitlosigkeit, sondern die Erfüllung der Zeit in einem erfüllten Leben, wie später Boethius erklärte.

2. Tertullian griff damit auf die Anthropologie des Apostel Paulus zurück und mit ihr auf Israel's leibliche Gotteserfahrungen. „Der Leib gehört dem Herrn und der Herr dem Leibe, darum preist Gott an euren Leib“, heißt es 1 Kor 6, 13 und 20. Wir warten „auf die Erlösung des Leibes“, wir warten zusammen mit der ganzen „leidenden Kreatur“, lesen wir Röm 8, 19-23. Die Auferstehung der Toten, auf die nach Paulus die ganze Heilsgeschichte hinausläuft, ist leibliche Auferstehung und ist mit der kosmischen Vernichtung des Todes verbunden (1 Kor 15, 28). Darum ist das letzte Ziel der christlichen Zukunftshoffnung nicht die Rettung der Seelen in einem jenseitigen Himmel, sondern die Neuschöpfung von Himmel und Erde und aller Dinge zu ihrer ewigen und bleibenden Gestalt. Die Auferstehung findet auf dieser Erde statt und wird diese Erde erneuern. Die Aufspaltung des Menschen in eine unsterbliche Seele und einen sterblichen Körper und die Reduktion des Menschen auf eine Maschine widersprechen dem christlichen Realismus des Heils.

3. Im 17. Jahrhundert schrieb der deutsche Theologe Friedrich Öttinger ein Buch gegen Lamettrie's *L'homme machine*. Es trägt den Titel: *Theologia ex idea vitae deducta* und enthält diese These: „Alle Werke Gottes enden in der Leiblichkeit“. Gott schuf den Menschen zu seinem Bild, „männlich und weiblich schuf er sie“ (Gen 1, 26). Also umfasst die Gottebenbildlichkeit der Menschen auch die geschlechtliche Differenz und Beziehung von Mann und

peessoas não são seguras, a técnica funciona e foi a falha da pessoa a culpada. Se abolimos a falibilidade da pessoa então poderemos viver em tempos sem risco, mas serão esses tempos humanos? Isso coloca a seguinte questão: devem as pessoas adaptar-se às máquinas ou antes as máquinas às pessoas?

II. A Alternativa Antropológica: a Ressurreição da Carne

1. Contra a definição dos tempos neoplatônicos, a Igreja Antiga introduziu e reafirmou na confissão de fé apostólica a esperança na “ressurreição da carne e na vida eterna”. Tertuliano (212) reafirmou com insistência a dignidade da carne no seu escrito “De resurrectione mortuorum”: “o corpo ressuscitará, todo o corpo, o corpo idêntico, tudo do corpo”, pois a carne é a chave do céu, “caro cardo salutis”. A vida eterna será experimentada pessoalmente (leibhaftig), pois a eternidade não é a perda platônica do tempo, mas a completude do tempo na sua vida acabada, como mais tarde esclarecerá Boécio.

2. Tertuliano aproveita assim a antropologia do apóstolo Paulo e com ela também a experiência corpórea de Deus em Israel. “O corpo pertence ao Senhor e o Senhor ao corpo; por isso, louvai o Senhor no vosso corpo”, assim é dito em 1 Cor 6, 13 e 20. Nós esperamos a libertação do corpo. Esperamos todos nós, com toda a criação sofredora, assim lemos em Rom 8, 19-23. A ressurreição dos mortos, a qual a partir de Paulo percorre toda a história da salvação, é uma ressurreição corpórea e está ligada à aniquilação cósmica da morte (1 Cor 15, 28). Por conseguinte, o último objectivo da esperança cristã no futuro não é a salvação da alma para um céu para além, mas antes a nova criação de um céu e de uma terra e de todas as coisas na sua estrutura (Gestalt) permanente e eterna. A ressurreição tem lugar nesta terra e renovará esta terra. A desintegração da pessoa numa alma imortal e num corpo mortal bem como a redução da pessoa a uma máquina contradizem o realismo cristão da salvação.

3. No século XVII escrevia o teólogo alemão Friedrich Öttinger um livro contra o *L'homme machine* de Lamettrie. Tinha como título *Theologia ex idea vitae deducta* e continha a seguinte tese: “todas as obras de Deus terminam na corporeidade”. Deus criou o homem à sua imagem, “homem e mulher os criou” (Gen 1, 26). Deste modo, a imagem de Deus compreende a diferença sexual e de relação entre o homem e a mulher. A pessoa é um ser de rela-

Frau. Der Mensch ist ein Beziehungswesen. Das Ich entsteht am Du und das Du am Ich. Von einer geschlechtslosen, nur in der Seele zu findenden Gottebenbildlichkeit weiß die Bibel nichts. Das Heil kommt zu uns in der menschlichen Gestalt Jesu Christi. „Das Wort ward Fleisch und wohnte unter uns und wir sahen seine Herrlichkeit“ (Joh 1, 14). Darum kann Gottes Geschichte mit seiner Schöpfung nur in der Auferstehung des „Fleisches“ enden. Mit diesem „Fleisch“ ist nicht nur die menschliche Körperlichkeit und Sinnesausstattung gemeint, sondern - wie die hebräische Wurzel Kol ‚basar (Gen 9.9) zeigt - alles Lebendige. Auferstehung des Fleisches umfasst also die Auferweckung des ganzen Lebens und aller Lebewesen.

4. Hat das Auswirkungen für die medizinische Behandlung des menschlichen Körpers? Ja, als in Folge der wissenschaftlichen Erforschung und der technischen Beherrschung der Natur auch die moderne Körpermedizin entstand, kam es im 19. Jahrhundert zur Gegenbewegung der Romantik und in ihr zur modernen Naturheilkunde.

Gegenüber einer reduktionistischen Körpermedizin entstand die psychosomatische Medizin, die den Menschen als psychosomatische Einheit auffaßt: Der Körper wirkt auf die Seele ein und die Seele auf den Körper. Krankheiten sind nicht nur Störungen von Organen, sondern immer auch Erfahrungen des ganzen Menschen. Der Patient ist nicht nur medizinisches Objekt, sondern immer auch Person. Jede menschliche Krankheit hat eine Krankengeschichte, und jede Krankengeschichte ist ein Teil unserer Lebensgeschichte. Diese psychosomatische Sicht des Menschen in seiner personalen Ganzheit und seiner Lebensgeschichte ist geeignet, die isolierten Krankheitsbilder wieder in das Ganze des menschlichen Lebens zu integrieren und die Ordnung des Körpers in die Ordnung der Person aufzuheben und diese damit um neue Erfahrungen zu erweitern.

5. Einen Schritt weiter geht die moderne Gestalttherapie. Sie sieht den Menschen nicht nur als personale Einheit von Leib und Seele, sondern auch als geformte Gestalt im Mensch-Umwelt-Feld. Zu jedem menschlichen Leben gehört das Geflecht der zwischen-menschlichen Beziehungen zu Mutter, Vater, Familie, Nachbarn und Mitmenschen. Bis in die genetische Struktur hinein reagieren wir auf unsere Umwelt und bilden daran unsere Lebensgestalt aus. Innenstrukturen und Außenstrukturen entsprechen sich, wie die Körpersprache zeigt.

Jedes Einzelleben braucht Lebensräume, um sich zu entfalten. Da ist zunächst der soziale Lebensraum der menschlichen Beziehungen. Dann ist da der kulturelle und politische Lebensraum einer bestimmten Zeit und einer Region, da ist der natürliche Lebensraum mit gesunder Luft, reinem Wasser und fruchtbarer Erde, also der ökologische Lebensraum, und nicht zuletzt existieren Menschen im Transzendenzbereich der Werte und Religionen, christlich gesprochen: im weiten Raum Gottes, der uns von allen Seiten umgibt, wie Psalm 139 so schön beschreibt.

ção. O eu tem origem no tu e o tu no eu. A Bíblia não conhece uma imagem de Deus assexuada ou que possa ser encontrada apenas na alma. A salvação chega-nos na figura (Gestalt) humana de Jesus Cristo. "O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória" (Jo 1,14). Por isso, a história de Deus com a sua criação só pode terminar na ressurreição da carne. Por esta carne não se entende só a corporeidade humana ou apenas uma doação de sentido, mas antes todos os viventes tal como mostra a raiz hebraica kol basar (Gen 9,9). Ressurreição da carne implica o ressurgimento de toda a vida e de todos os seres vivos.

4. Terá isto consequências para o tratamento médico do corpo humano? Sim, sendo que na sequência da investigação científica e do domínio técnico da natureza também se deu origem à moderna medicina do corpo e, por outro lado, chegou-se no século XIX a um contra-movimento do romantismo e com ele à medicina natural moderna.

Contra uma medicina reducionista do corpo posicionou-se a medicina psicossomática que compreende a pessoa como uma unidade psicossomática: o corpo influencia a alma e a alma opera no corpo. As doenças não são uma destruição de órgãos, mas sempre uma experiência da pessoa toda. O paciente não é um objecto médico, mas sempre também uma pessoa. Cada doença tem uma história do doente e cada história da doença é um pedaço da nossa história de vida. Esta visão psicossomática da pessoa na sua totalidade pessoal e na sua história de vida é apropriada para integrar novamente os diagramas no todo da vida pessoal bem como para recolher a ordem do corpo na ordem da pessoa, e com isto para alargá-los a novas experiências.

5. Um passo mais adiante é dado pela moderna terapia da forma (Gestalttherapie). Considera o homem não só como uma unidade pessoal de corpo e alma, mas também como uma figura (Gestalt) formada em pessoa-mundo-circunstância. A cada vida humana corresponde o trabalho das relações interpessoais ao pai, à mãe, à família, aos vizinhos e ao semelhante. Mesmo na estrutura genética reagimos ao nosso mundo e construímos a partir dele a nossa forma de vida. As estruturas interiores e as estruturas exteriores correspondem-se entre si, como aliás mostra a própria linguagem do corpo.

Cada vida única precisa de um espaço vital para se desenvolver. Este é antes de tudo e em primeiro lugar o espaço vital social das relações humanas. Depois surge o espaço vital cultural e político de uma determinada época ou região, de seguida o espaço vital da natureza com um ar saudável, com água pura e potável e com uma terra fértil, ou seja, o espaço vital ecológico; e por fim existem pessoas no domínio da transcendência dos valores e da religião, para falarmos em termos cristãos: o espaço mais lato e mais abrangente é o de Deus que a todos envolve, como descreve o Salmo 139 de modo tão belo.

Die moderne Neurobiologie beweist, dass wir auf Beziehung, Resonanz und Kooperation angelegte Wesen sind und keineswegs auf genetisch gesteuerte Computer reduziert werden können. Kern aller menschlichen Motivation ist es, zwischenmenschliche Anerkennung, Wertschätzung, Zuwendung oder Zuneigung zu finden oder zu geben (J. Bauer, 21). Diese Feststellung ist keine humanistische Poesie, sondern nachgewiesene neurobiologische Orientierung der Menschen. Es gibt lebensfreundliche und lebensfeindliche Räume: Wird soziale Anerkennung verweigert, wird Leben beeinträchtigt; Barbarei und Diktatur zerstören menschliches Leben. Schlechte Luft, unreines Wasser und vergiftete Erde machen krank. Es gibt lebensförderliche Werte und Werte, für die Leben geopfert wird, es gibt heilende und krankmachende Religionen. Menschliches Leben wird in sinnvollen Räumen gut gelebt, wenn aber alle Umstände gegen ein Leben sprechen, kollabiert die menschliche Person. Jeder Mensch ist ebenso ein Produkt seiner Verhältnisse wie er seine Verhältnisse bestimmt. Um das ganze menschliche Leben zu verstehen, muss man die jeweiligen Verschränkungen der genannten Lebensräume erkennen.

6. Diese alternative Anthropologie hat immense Konsequenzen für die Lebensführung und die Spiritualität der Menschen. An die „Auferstehung des Fleisches“ zu glauben, heißt, sich einzulassen auf die Schöpferkraft Gottes, die wir im eigenen Körper täglich erfahren und auf die wir mit allen Sinnen vertrauen. Erfahren wir den Geist Gottes als den Geist, der Christus von den Toten auferweckt hat, dann entsteht eine neue Spiritualität des sinnlichen Lebens. Die ersten Erfahrungen dieses Geistes sind das ganze Ja zum Leben und die neu erwachte Liebe zum ganzen Leben. Denn der Geist Gottes ist nicht nur auf das Heil der Seele, sondern auch auf das Heil des Körpers ausgerichtet, nicht nur auf das Heil des Menschen, sondern auch auf das Heil der Natur.

7. Heute existieren wir in einer Kultur wachsender Gleichgültigkeit gegenüber Leben und Tod. Wir werden durch die Massenmedien daran gewöhnt, die Ereignisse nur noch technisch zu betrachten. Mit den Toten in Kriegen wird „body-counting“ veranstaltet, die ermordeten Zivilisten werden als „Kollateralschäden“ abgebucht. Soziale Kälte breitet sich in unseren Gesellschaften aus. Wenn uns dagegen der Geist der Auferstehung ergreift, spüren wir die compassion mit den Leidenden. Wir können wieder lachen und weinen, wir empören uns und protestieren gegen das massenhafte Töten und Sterben. „Ihr liebt das Leben - wir lieben den Tod“, schrieben die Massenmörder von El Qaida nach Massenmord von Madrid am 11. März 2004. Sie haben Recht: Wir lieben das Leben, auch ihr Leben und wollen ihren Selbstmord so wenig wie ihre Massenmorde.

A moderna neurobiologia sabe que somos seres constituídos a partir da relação, da ressonância e da cooperação, e que de modo nenhum podemos ser reduzidos à condução genética de um computador. O núcleo de qualquer motivação humana consiste no reconhecimento interpessoal recíproco, na estima mútua, procurando dar ou receber simpatia ou afecto (J. Bauer, 21). Esta afirmação não é nenhuma poesia humanista, mas antes a verdadeira e comprovada orientação neurobiológica da pessoa. Existem espaços biófilos e espaços biófobos: quando o reconhecimento social é negado então a vida humana sai prejudicada. A barbárie e a ditadura destroem a vida humana. Um ar impuro, água imprópria e uma terra envenenada provocam doença. Existem valores que fomentam a vida e valores pelos quais a vida se oferece, existem religiões sadias e religiões nocivas. A vida humana é bem vivida em espaços convenientes quando todas as circunstâncias que se lhe possam opor para ela colaborem. Qualquer pessoa é assim produto das suas relações do mesmo modo que cada pessoa também determina essas relações. Para se compreender a totalidade da vida humana devem ser conhecidos os respectivos constrangimentos dos referidos espaços vitais.

6. Esta antropologia alternativa tem imensas consequências para o decorrer da vida e para a espiritualidade da pessoa humana. Acreditar na “ressurreição da carne” significa confiar-se à força criadora de Deus que nós próprios experimentamos diariamente nos nossos corpos e na qual confiamos com todos os sentidos. Se experimentarmos o Espírito de Deus como o Espírito que ressuscitou Jesus de entre os mortos, então isso provoca uma nova espiritualidade da vida sensitiva. As primeiras experiências deste Espírito são um total sim à vida e um novo e activo amor a toda a vida. Pois o Espírito de Deus não é apenas para a realização da salvação da alma, mas também para a salvação do corpo, não apenas para a salvação da pessoa mas também para a salvação da natureza.

7. Actualmente vivemos numa cultura de uma indiferença adulta face à vida e face à morte. Já nos habituamos a ver os acontecimentos nos meios de comunicação social apenas do ponto de vista técnico. Diante dos mortos de uma guerra organiza-se uma “contagem dos corpos” (body counting), e os civis assassinados são apenas cancelados como “efeitos colaterais”. A frieza social expande-se na nossa sociedade. Se assumíssemos o Espírito da ressurreição, perseguiríamos a compaixão pelos que sofrem. Poderíamos rir ou chorar, protestamos indignados contra os assassinatos em massa e contra as mortes. “Vós amais a vida – nós amamos a morte”, assim escreviam os homicidas da Al Qaida depois do massacre em Madrid no dia 11 de Março de 2004. Eles tinham razão: nós amamos a vida, também as suas vidas, e queremos tão pouco o seu suicídio quanto os seus massacres.

III. Was ist Gesundheit?

Das Verständnis dessen, was zu einer bestimmten Epoche in einer bestimmten Gesellschaft als „gesund“ gilt, wandelt sich im Laufe der Geschichte ganz erheblich. Es spiegelt das Wertesystem der jeweiligen Gesellschaft und dient der Anpassung der Menschen an die Forderungen dieser Gesellschaft. Darum müssen die Vorstellungen von „Gesundheit“ nicht selbst schon gesund sein oder Menschen gesund erhalten. Sie können die menschlichen Körper auch entfremden und krank machen. Umgekehrt sind die Reaktionen menschlicher Körper auf die ihnen auferlegten Maßstäbe von „Gesundheit“ oft gerade dann gesund, wenn sie als „krank“ oder „krankhaft“ gelten. Man kann darum den Begriff der Gesundheit nicht nur am Wertesystem einer Gesellschaft ablesen, sondern muss auch auf seine Verträglichkeit für die Menschen achten und sich die körperliche Gestalt dieser Menschen ansehen. Gesundheit ist mehrdimensional zu bestimmen, wenn der Begriff dem ganzen Leben der Menschen dienen soll. Er muss auf die Übereinkunft von Leib und Seele, Mensch und Umwelt, Person und Gesellschaft, Immanenz und Transzendenz bezogen werden und den einzelnen Menschen in allen seinen Lebensräumen beachten.

1. Gesundheit ist Arbeits- und Genussfähigkeit

Sigmund Freud und viele seiner Zeitgenossen und Nachfolger definieren Gesundheit als Arbeitsfähigkeit und Genussfähigkeit. Ist ein Mensch arbeitsunfähig, wird er „krank geschrieben“, ist er in seiner Genussfähigkeit beeinträchtigt, gilt er als „behindert“. Sind beide Fähigkeiten wieder hergestellt, kann er aus der medizinischen Behandlung entlassen werden. Diese schlichte, aber bei uns überall gebräuchliche Formel für Gesundheit entspricht genau der industriellen Gesellschaft, die in ihren zentralen Werten auf Produktion und Konsum eingerichtet ist: Wir sind entweder Arbeiter und Konsumenten oder in Rente. Vor- oder außerindustrielle Gesellschaften hatten und haben andere Vorstellungen von Gesundheit. Was galt als „gesund“ bei Jägern und Sammlern oder bei Rittern und Mönchen? Bei uns dient diese Definition von Gesundheit, um Menschen an die Gesellschaftsform anzupassen oder sie aus ihrem Betrieb auszugrenzen. Darüber hinaus wird auch „Gesundheit“ konsumfähig gemacht: Wer es sich leisten kann, ist privat versichert, und wer bezahlen kann, wird besser behandelt. Auch „Gesundheit“ wird zur Ware gemacht, die produziert und konsumiert werden kann. Die Gefahr eine Zwei-Klassenmedizin ist allgegenwärtig, je mehr der Staat die Gesundheit seiner Bürger privatisiert.

2. Gesundheit ist ein Zustand des vollständigen, körperlichen, geistigen und sozialen Wohlbefindens und nicht auf das Fehlen von Krankheit und Gebrechen“

III. O que é a Saúde?

A compreensão daquilo que numa determinada época ou numa sociedade em particular era entendido por “sadio” foi variando de forma notória ao longo da história. Teve uma grande influência o sistema de valores de cada sociedade bem como a adaptação das pessoas às exigências dessa mesma sociedade. Por isso, as concepções de “saúde” já não deveriam significar que é sadio nem deveriam conservar a pessoa sadia, pois podem tornar o corpo humano doente ou estranho. As reacções do corpo humano são inversas aos critérios de “saúde” que normalmente se lhes aplicam quando sadios, quando os consideram doentes ou enfermos patológicos. Neste sentido, não se pode reler o conceito de saúde apenas no seio do sistema de valores de uma sociedade, mas também se ele tem em conta a sua compatibilidade com a pessoa e se respeita a figura corpórea dessa mesma pessoa. A saúde deve ser definida de modo pluridimensional, se esse conceito quer servir toda a vida da pessoa. Tem de contemplar um acordo entre alma e corpo, entre ser humano e mundo circundante, entre pessoa e sociedade, entre imanência e transcendência, e tem de ter em conta a unicidade da pessoa humana em todos os seus espaços vitais.

1. Saúde é capacidade de trabalho e de fruição

Sigmund Freud e muitos dos seus contemporâneos e seguidores definiram a saúde como a capacidade de trabalho e de prazer. Se uma pessoa é incapaz de trabalhar então será descrita como “doente”, se ela está condicionada na sua capacidade de prazer então corresponde a alguém “diminuído”. Se as duas condições se verificam, então pode ser dispensado do tratamento médico. Esta simples concepção de saúde, mas entre nós muito comum, corresponde efectivamente à sociedade industrial, a qual está orientada para os seus valores centrais de produção e de consumo: somos trabalhadores ou consumidores, ou então já estamos reformados. Mas antes e fora das sociedades industrializadas existiam e existem outras concepções de saúde. A que é que corresponde a saúde para os caçadores ou para os coleccionadores, para os cavaleiros ou para os monges? Para nós serve a seguinte definição de saúde, para que a pessoa se adapte à forma da sociedade ou para que consiga ultrapassar a sua função (trabalho). A partir daqui a saúde é também transformada em consumível: quem a consegue realizar fica garantido privadamente e quem pode pagar é melhor tratado. A saúde é assim transformada em mercadoria, e pode ser produzida e consumida. O perigo de uma medicina de duas classes é tanto mais omnipresente quanto mais o estado privatiza a saúde dos seus concidadãos.

2. “A saúde é a situação de um total bem-estar corporal, espiritual e social, e não apenas uma ausência de doença ou de enfermidade”

sagt die internationale World Health Organisation. Das ist eine Maximaldefinition. Sie stellt Gesundheit als ein Ideal dar, das in unserer Gesellschaft nur von wenigen und von diesen auch nur selten erreicht werden kann. An Hand dieses Ideals wachsen die Ansprüche der Menschen an das Gesundheitssystem ins Unerfüllbare. Als „Zustand“ allseitigen Wohlbefindens verstanden ist „Gesundheit“ eine Utopie, und nicht einmal eine besonders humane Utopie. Es ist eine Utopie vom Leben ohne Leiden, vom Glück ohne Schmerzen und einer Gemeinschaft ohne Konflikte. Es ist eine Utopie, die den Prozess des Sterbens und den „Zustand“ des Todes nicht kennen will. Soll eine Gesundheitspolitik diese Utopie verwirklichen, dann muss Körpermedizin um Psychomedizin und beide um Sozialmedizin erweitert werden. Nicht zuletzt muss eine politische Therapie eintreten, um den Zustand allseitigen Wohlbefindens bei allen Bürgern herzustellen. Ist dieser utopische Zustand erreicht, dann sind alle Menschen von ihrer Gesundheit enteignet worden. Alle fühlen sich wohl, aber keiner ist noch Subjekt seines eigenen Lebens. Übereignet der Mensch die Sorge um seine Gesundheit an die Gesundheits- und Sozialsysteme seiner Gesellschaft, dann gerät er in den Zustand der „Leibeigenschaft“ von Sklaven. Er verliert das Recht auf sein eigenes Leben und seinen eigenen Tod.

3. Gesundheit ist die Kraft zum Menschsein

Gesundheit ist nicht die Abwesenheit von Schmerz, Krankheit und Tod, sondern die Kraft mit ihnen zu leben. Gesundheit kann als ein Zustand des Lebens angesehen werden oder als Einstellung des Menschen zu wechselnden Zuständen seines Lebens. In die zweite Richtung blicken die neueren Definitionen einer personenbezogenen Medizin. Es gibt gesunde Einstellungen des Menschen zu seinen gesunden und kranken Zuständen und es gibt krankhafte Einstellungen. Die Kraft zum Menschsein zeigt sich in der Fähigkeit des Menschen zum Glück und zum Leiden, zur Lebensfreude und zur Trauer des Todes. Wird Gesundheit als ein Zustand des Menschen verstanden, dann wird Menschsein mit Gesundsein gleichgesetzt. Wird Gesundheit als Kraft zum Menschsein verstanden, dann wird Menschsein über den Zustand des Gesundseins gestellt, so dass es sich auch in kranken Zuständen und im Prozess des Sterbens zeigt.

Der moderne Gesundheitskult produziert genau das, was er überwinden will, nämlich Angst vor Krankheit, Sterben und Tod. Anstatt Krankheit und Gebrechen zu überwinden, entwirft er eine Utopie vom allgemeinen Wohlbefinden, aus der unheilbar Kranke, Behinderte und Sterbende ausgeschlossen sind. Wenn an das Sterben und den Tod nicht gedacht wird, wird jede Gesundheitsdefinition illusionär.

Verstehen wir Gesundheit als Kraft zum Menschsein, werden wir die verschiedenen Lebensräume beachten, in denen es um Menschsein geht:

a) in seinem Selbstverhältnis macht der kranke Mensch eine neue Erfahrung mit sich selbst. Er muss sich als Kranken akzeptieren und sein Selbstbewusstsein stärken.

diz a Organização Mundial de Saúde (OMS). Esta é uma definição maximalista. Ela coloca a saúde como um ideal, o qual só pode ser atingido por poucos na nossa sociedade, e destes apenas por uns quantos. Com base neste ideal, os direitos das pessoas ao sistema de saúde surgem como irrealizáveis. Entendida como uma situação universal de bem-estar, a saúde é uma utopia, e nem sequer uma particular utopia humana. É uma utopia de uma vida sem sofrimento, de uma felicidade sem dor e de uma sociedade sem conflito. Esta é uma utopia que não quer conhecer nem o processo de morrer nem a "condição" da morte. Se uma política de saúde quiser realizar esta utopia, então a medicina do corpo deve ser alargada à medicina psíquica e ao mesmo tempo à medicina social. Não sem antes ter início uma terapia política para produzir uma situação de um bem-estar universal para todos os cidadãos. Se esta situação utópica é atingida, então todas as pessoas ficam expropriadas da sua saúde. Todos se sentem bem, mas ninguém é mais sujeito da sua própria vida. Se a pessoa transfere os cuidados com a sua saúde para o sistema social ou para o sistema de saúde, então ela cai na condição da servidão dos escravos. Perde o direito à sua própria vida e à sua própria morte.

3. A saúde é a força para ser pessoa

A saúde não é a ausência de dor, de doença ou de morte, mas a força para viver com elas. A saúde pode ser vista como uma condição de vida ou como a atitude da pessoa face a situações que mudam a sua vida. Na segunda concepção colocam-se as novas definições de uma medicina voltada para a pessoa. Existem atitudes sadias da pessoa face a situações de saúde ou de doença e existem atitudes doentias. A força para ser pessoa mostra-se na capacidade para a felicidade e para sofrer, para a alegria de viver e para a confiança da morte. Se a saúde for entendida como uma condição da pessoa então o estar sadio equivale ao ser pessoa. Se a saúde for entendida como a força para ser pessoa, então o ser pessoa será colocado acima da condição de estar com saúde, de tal modo que ela se mostra em situações de doença como no processo de morrer.

O culto moderno da saúde produz precisamente aquilo que quer ultrapassar, nomeadamente o medo da doença, o receio perante o morrer e perante a morte. Em vez de ultrapassar as doenças e as enfermidades, produz uma utopia de um bem-estar universal, da qual são excluídas as doenças incuráveis, os deficientes e os moribundos. Sempre que o morrer e a morte não são considerados, qualquer definição de saúde torna-se ilusória.

Entendemos a saúde como a força para ser pessoa, e por isso vamos considerar as dimensões vitais nas quais o ser pessoa se mostra:

a) na sua auto-relação a pessoa doente faz uma nova experiência de si mesmo. Deve aceitar-se como doente e fortalecer a consciência do seu valor.

- b) In seinem Sozialverhältnis muss er die Souveränität gewinnen, sich helfen zu lassen und sich seinen Nächsten zuzuwenden.
- c) In seiner Lebensgeschichte lernt er, Hoffnungen zu begraben und trotzdem Lebensmut zu behalten. Sind Krankheiten Vorboten des Todes, so wird die Kraft zum Menschsein zur Auferstehungshoffnung.
- d) Im Transzendenzbereich offenbaren schwere Leiden den gelebten Sinn und den gelebten Unsinn eines Menschenlebens. Der drohende Tod stellt den ganzen Menschen in Frage. Um so wichtiger werden die Antworten des Glaubens für die Gesundheit der Menschen.

IV. Was ist menschliches Leben?

Zum Schluss wollen wir nach einer zutreffenden und brauchbaren Definition für das menschliche Leben fragen. Sie soll das Wesen des menschlichen Lebens erfassen und zugleich medizinisch, sozial, kulturell und theologisch brauchbar sein. Eine solche Definition ist schwierig, weil jede Definition das Eine begrenzt und das Andere ausschließt.

1. Wir haben im Griechischen zwei Worte für Leben *bios* und *zoe*. Sie werden zwar nicht scharf voneinander unterschieden und willkürlich verwendet wie in den Wissenschaften Bio-logie und Zoo-logie. Aber wir meinen hier mit *bios* das Leben alles Lebendigen und mit *zoe* das besondere menschliche Leben.
2. Ein Lebewesen, so könnte man biologisch sagen, ist ein Wesen, das sich selbst reproduziert, sei es durch Zellteilung oder durch geschlechtliche Vermehrung. Das gilt für alle organische Organisation von Materie im Unterschied zur anorganischen Materie.
3. Menschliches Leben muss demgegenüber jedoch nicht nur gezeugt, empfangen, ausgetragen und geboren werden, sondern es muss von Eltern und anderen Menschen auch angenommen, bejaht und geliebt werden, und das nicht nur bei der Geburt, sondern durch das ganze Leben hindurch bis in den Tod, denn es kann ja auch abgelehnt, verneint und verachtet werden. Leben kann sich menschlich nur im sozialen Raum der Annahme, Anerkennung und Bejahung entfalten. Die Gegenprobe ist leicht zu machen: Kinder, die nicht angenommen sondern abgelehnt, nicht anerkannt, sondern verachtet, nicht geliebt, sondern vernachlässigt werden, erfahren sich selbst als unerwünscht und wertlos. Sie können keine Menschlichkeit entwickeln, sie können kaum am Leben bleiben, sind nicht lebensfähig und sterben früh, weil sie den sozialen Tod erleiden. Behinderte und Alte, Arbeitslose und Obdachlose erleiden

- b) na sua relação social, a pessoa tem de ganhar a soberania, deixar-se ajudar e voltar-se para os seus semelhantes.
- c) na sua história de vida ela aprende a enterrar esperanças, mas, apesar disso, também a manter uma coragem de viver. Sendo as doenças o prenúncio da morte, então a força para ser pessoa transforma-se na esperança da ressurreição.
- d) no domínio da transcendência os grandes sofrimentos revelam o sentido ou o não sentido vivido da vida humana. A pressão da morte coloca em causa toda a pessoa. Por isso, por maior força de razão tornam-se importantes as respostas da fé para a saúde do ser humano.

IV O que é a vida humana?

Por fim, queremos colocar a questão de uma exacta e útil definição da vida humana. Deve abarcar a essência da vida humana e nesse sentido deverá ser útil do ponto de vista médico, social, cultural e teológico. Uma tal definição é difícil, pois qualquer definição limita uma e exclui a outra.

1. Em grego temos duas palavras para significar a vida: *bios* e *zoe*. Não se diferenciam de modo nítido uma da outra e são usadas de modo artificial em ciências como a bio-logia e a zoo-logia. Mas entendemos aqui com *bios* a vida de todos os seres vivos e com *zoe* entendemos especificamente a vida humana.
2. Em termos biológicos poderíamos dizer que um ser vivo é um ser que se reproduz, seja por divisão de células ou por reprodução sexual. Isto aplica-se a toda a organização de matéria orgânica em contraposição da matéria inorgânica.
3. A vida humana não pode ser apenas concebida, gerada, criada e feita nascer mas ela deve também ser assumida pelos pais e por outras pessoas, deve ser confirmada e amada, e isto não somente no nascimento mas durante toda a vida até à morte, visto que ela pode ser rejeitada, negada ou desprezada. A vida só se pode desenvolver humanamente num espaço de recepção, de reconhecimento e de afirmação. A contra-prova é fácil de fazer: crianças que não foram recebidas mas recusadas, que não foram reconhecidas mas desprezadas, que não foram amadas mas negligenciadas, experimentam-se a si mesmas como indesejadas ou sem valor. Não podem desenvolver nenhuma humanidade, mal podem permanecer na vida, não estão capacitados para viver e morrem cedo, pois acabam por sofrer a morte social. Deficientes e velhos, desempregados e

denselben sozialen Tod vor dem physischen Tod und erleiden den physischen Tod oft genug in Folge des sozialen Todes.

4. Menschliches Leben wird nicht wie von Tieren einfach nur in den Tag hinein gelebt. Menschen werden in dem Masse lebendig, wie sie am Leben interessiert sind und an anderem Leben teilnehmen, gemeinsames Leben bejahen und sich mit allen Sinnen für das Abenteuer des Lebens öffnen. Je vorbehaltloser und leidenschaftlicher wir das Leben lieben und uns den Erfahrungen des Lebens aussetzen, desto glücksfähiger werden wir. Je mehr wir das Leben lieben und aus uns herausgehen, desto intensiver erfahren wir auch die Schmerzen des Lebens, Enttäuschungen, Kummer und den Tod der Menschen, die wir lieben. Beides gehört zusammen: je lebendiger wir das Glück des Lebens erfahren, desto tödlicher wird für uns der Verlust des Lebens, der Tod. Je mehr wir lieben, desto intensiver erfahren wir beides, das Glück und den Schmerz, das Leben und den Tod. Man kann auch hier leicht die Gegenprobe machen: Wenn man nichts mehr liebt, auch nicht sich selbst, wenn man das Interesse am Leben verliert und einem alles egal wird, wenn man teilnahmslos wird und keiner mehr an einem teilnimmt, stirbt man. Man erstarrt bei lebendigem Leibe in der Apathie der Seele. Das ist der Seelentod vor dem physischen Tod, und der physische Tod kommt oft in Folge des schon eingetretenen seelischen Todes. So lange du interessiert bist, bist du lebendig. Erlischt dein Interesse am Leben, beginnt das Sterben.

Wir definieren in diesem Zusammenhang:

Menschliches Leben ist biologisch wie anderes Leben sich selbst reproduzierendes Leben. Die Menschlichkeit dieses Lebens aber besteht darin, dass es angenommenes, bejahtes und dass es selbst interessiertes Leben ist. Die Kraft zum Menschsein liegt in der vollen Bejahung und der rückhaltlosen Liebe zu diesem fragilen und sterblichen Leben.

sem abrigo sofrem a mesma morte social antes da morte física e sofrem a morte física muitas vezes precisamente como consequência da morte social.

4. A vida humana não será nunca vivida simplesmente à toa como vivem os animais. A pessoa estará viva na medida em que está interessada na vida e participa numa outra vida, confirmando a vida comum e abrindo-se com todos os sentidos à aventura da vida. Quanto mais amarmos a vida de modo incondicional e apaixonado e quanto mais nos expusermos às experiências da vida mais felizes seremos. Quanto mais amarmos a vida e quanto mais perdermos a timidez, mais intensivamente experimentaremos as dores da vida, as surpresas, as preocupações e a morte da pessoa, que nós amamos. Ambas se implicam: quanto mais vivamente experimentarmos a fortuna da vida, mais mortalmente será para nós a perda da vida, a morte. Quanto mais amamos mais intensivamente experimentamos a ambas, a fortuna e a dor, a vida e a morte. Pode-se apresentar aqui facilmente uma contra-prova: quando não se ama mais, mesmo a si próprio, quando nos tornamos indiferentes e não partilhamos nada com ninguém, morremos. Paralisa-se o corpo vivente na apatia da alma. Esta é a morte da alma antes da morte física, e a morte física normalmente surge como consequência da morte da alma já activada. Enquanto estás interessado estás vivo. Amortece o teu interesse pela vida, e comesças a morrer.

Definimos assim nesta síntese:

A vida humana é biológica tal como outra vida que a si mesmo se reproduz. A humanidade desta vida consiste no facto de que ela é recebida, afirmada e que ela é enquanto tal uma vida interessada. A força para ser pessoa reside na total afirmação e no amor sem reservas a esta frágil e mortal vida.